

O VIVER CRIATIVO: SEGUNDO A TEORIA WINNICOTTIANA¹

Maria Edna de Melo Silva²

Elpidio Estanislau da Silva Junior³

*“A vida é uma peça de teatro que não
permite ensaios. Por isso cante, ria e viva
intensamente antes que a cortina feche e a
peça termine sem aplausos.”*

Charles Chaplin.

RESUMO

Este artigo pretende abordar a teoria Winnicottiana no que se refere à crença de que viver criativamente constitui um estado saudável do ser humano, uma apreensão do indivíduo de que a vida é digna de ser vivida. Neste trabalho, foi observado que o desenvolvimento do ser humano se dá basicamente na interação do bebê com a mãe e isso vai depender da quantidade e qualidade das provisões que estiverem presentes nas fases primitivas da experiência de vida de cada bebê; busca, também, fazer uma reflexão de como esse processo criativo pode se desenvolver no trabalho analítico.

D.W. Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês, que ao longo de sua vida, tratou mais de 60.000 bebês, crianças, mães, pais, e avós, o que lhe conferiu uma considerável experiência clínica e uma oportunidade valiosa de observação, que, tal como Freud, ao elaborar sua teoria, tomou como base a experiência analítica .

Partindo de toda essa experiência, ele vai enfatizar a importância da experiência cultural na modulação do novo ser, assim como a qualidade da relação analítica para recompor danos sofridos. O ambiente na obra de Winnicott é determinante na construção de um eu “saudável” e significativo, de uma existência verdadeira e de um viver criativo.

Sua teoria está permeada por paradoxos tais como: o objeto transacional é subjetivamente concebido, mas objetivamente percebido; a mãe e o ambiente suficientemente bons que cuidam, mas também, naturalmente, falham e, com isso,

¹ Trabalho apresentado na II Jornada Interna dos Grupos de Estudo do GPAL em setembro de 2009.

² Psicóloga Clínica pelo CESMAC/AL, Pedagoga, com pós graduação em Orientação Educacional. Membro do GPAL

³ Engenheiro Civil, membro do Grupo de Estudo do GPAL.

ao contrário do que possa parecer, ajudam ao crescimento da criança. A capacidade de ficar só ainda que esteja presença não percebida da mãe, a qual representa o ambiente. Porém se a mãe sai, a criança protesta, pois toma a sua presença como espelho vivo, alguém capaz de refletir o que se passa na brincadeira; a necessidade de destruição do objeto pelo bebê para que ele se torne real, ou seja, torna-se um eu individual, separado da mãe; o potencial feminino e masculino enfocando o ser versus o fazer, sendo o primeiro essencial para a emergência do outro em nossa constituição subjetiva – criativa; mentir (falso self) para ser autêntico relacionado à preservação do núcleo do verdadeiro self; agressão versus amor, etc. Todos esses paradoxos nos conferem uma nova possibilidade de compreensão de nós mesmos.

Dentre os vários conceitos presentes em sua teoria, a criatividade tem uma importância fundamental, pois, sem dúvida, sintetiza a riqueza de sua obra, por abrir perspectivas para uma vida compreendida em termos de saúde.

Segundo Winnicott (1971), a relação do sujeito com o mundo, deve ser construída. De início, o bebê não percebe objetivamente o mundo, não consegue demarcar as fronteiras que localizam o mundo fora do eu, porque este espaço exterior ainda não foi delimitado. Esta fase é denominada apercepção. Nela o bebê crê que tudo o que encontra é sua criação e está sobre o seu controle mágico. Os objetos são tidos como subjetivos e o bebê exerce sua onipotência sobre eles, ocorrendo uma apercepção criativa na relação com a mãe e com o ambiente desde o início e isso perdura após a aquisição da percepção. Esta é, pois, a primeira manifestação criativa na história de vida do ser humano.

A percepção objetiva do mundo é compartilhada com os outros. O que é percebido passa por uma verificação que confirma o real. Para que o bebê se torne apto a perceber objetivamente, é necessário que ele já esteja submetido ao teste de realidade. A experiência da apercepção criativa é fornecida pela percepção objetiva do que se criou, e isso confere ao mundo e ao viver um colorido peculiar da criatividade.

A possibilidade do “viver criativo” (WINNICOTT, 1971) se estende da apercepção à percepção e, se sustenta no livre exercício da agressividade. Para tanto, é preciso que a criança faça uso da agressividade que lhe é inerente. Ser agressivo é encontrar, é perceber o mundo que se criou e atribuir a ele uma

realidade que confere à vida um valor. Sendo assim, o viver criativo decorre da experiência da agressividade e do par apercepção – percepção, o que vai proporcionar um sentido de existência e um sentido para a existência.

Outro aspecto relativo ao desenvolvimento da criatividade está relacionado ao termo ilusão e desilusão, quando o bebê cria de acordo com o que lhe é apresentado pelo ambiente, de forma que a mãe neste momento tem duas funções: a primeira, a de iludir o bebê, ou seja, apresentar-lhe um objeto no exato momento em que ele o cria, de modo a tornar presente a ilusão de que ele pode criar o mundo a sua volta. Esta experiência de ilusão permite a passagem da apercepção à percepção e cria um acesso à realidade.

A outra função da mãe é desiludir o bebê, isto é, indicar a ele que a sua onipotência é ilusória, pois nem sempre ele pode criar os objetos presentes no mundo. A desilusão se inicia com as falhas da mãe, com o seu gradual afastamento do estágio de preocupação materna primária. Daí o bebê tem que abrir mão da dedicação exclusiva de sua mãe e passa a depender dela apenas relativamente e não mais de forma absoluta. Esta separação transcorre de forma gradual a fim de que se preserve a área de ilusão conquistada.

Para que desilusão seja satisfatória, é necessário que o bebê tenha experimentado muitos momentos de ilusão e onipotência, para que tenha a possibilidade, ao longo de toda a vida, de recorrer ao espaço intermediário. A desilusão insere o teste de realidade e exige do bebê a verificação do que é “eu” e do que é “não eu”, de forma que tenha o reconhecimento do que ele não pode controlar de forma mágica o que lhe é externo.

“Quando a área de ilusão é preservada, proporciona ao sujeito a alternativa de se por em continuidade com o mundo, e criá-lo, assim como criar a si próprio. Esta criação, segundo Costa” (2004, p.117), significa a captação seletiva dos aspectos das coisas do mundo, úteis para a ação; e, ao agir no mundo, o sujeito confere significância ao desejo e realidade do “eu”.

Sabemos que os fatores que influenciam no poder criativo dos seres humanos são determinados por um ambiente que ele chama de suficientemente bom. Este ambiente é encarnado por uma mãe suficientemente boa nos primeiros ensaios da vida. Se a relação primitiva com a mãe for marcada por reciprocidade e por cuidados

maternos, a criança torna-se apta a depositar certa confiança na fidedignidade não só no ambiente primário, mas também nas formas futuras do ambiente e do mundo externo.

A função do ambiente neste sentido é de oferecer, fundamentalmente, a segurança do que o bebê precisa para integrar-se numa unidade, ou seja, para que ele tenha minimamente a noção de um eu integrado numa vida psicossomática. Uma vez que esta noção esteja solidificada, estabelece-se, em contrapartida, a noção de que todo o restante será não-eu, o que favorece a potencialização do verdadeiro self, a fonte do gesto espontâneo.

Sua importância se dá como facilitador da relação mãe - bebê para que ocorra a concretização dos processos de maturação saudável, pois é nessa relação que está à base tanto do processo de integração do ego, quanto a conseqüente capacidade para a diferenciação do ambiente e, é claro, a capacidade para o viver criativo.

Em nossos estudos observamos que as experiências vividas, internas ou externas, possuem uma qualidade diferenciada dadas pelas diferentes formas possíveis de interação entre elas. O autor em análise cita o espaço potencial como um campo de ação que ultrapassa a dicotomia interno e externo, onde um objeto, coisa, pessoa, experiência não se reduzem a um único significado para o indivíduo, mas estão inseridos num processo onde a psique humana segue seu curso aberto, cheio de plasticidade, evolução e desenvolvimento. Novos significados são passíveis de emergir à medida que novas maneiras de viver e se relacionar emergem na pessoa, onde o tempo e a forma dessas interações são por si só, agentes de mudança e transformação.

Este espaço potencial, chamado de criatividade primária, é considerado como herdeiro da relação básica original, ocorrida antes que esse bebê descobrisse que não era o centro do universo e fornece, quando existente, os alicerces para um desenvolvimento saudável. O uso deste espaço é determinado pelas experiências de vida e se efetuam nos estados primitivos da sua existência.

A capacidade criativa será a raiz que irá permitir mais tarde a criança sustentar-se por si mesma e suportar as decepções e o reconhecimento da existência de limites os quais substituem o sentimento de onipotência original. Esta capacidade é o instrumento que vai tornar possível, no adulto, uma adaptação não submissa do indivíduo ao meio, lhe permitindo manter o sentimento de ser autêntico nas interações com o mundo.

O viver está ligado ao criar, pois é somente sendo criativo que o indivíduo descobre seu eu verdadeiro (self) . E quais seriam, pois, as condições necessárias para se acessar esse potencial criativo? De acordo com Winnicott,(1971 p.98) *“é necessário apenas que o indivíduo seja possuidor de uma razoável capacidade cerebral e inteligência suficiente para capacitá-lo a tornar-se ativo e tomar parte na vida de sua comunidade. Nada, portanto, de extraordinário, apenas uma condição natural do ser humano”*.

No entanto, se o ambiente primitivo lhe foi falho, e se o indivíduo cresceu, viveu ou mesmo vive ainda, sob severas restrições no ambiente social, familiar, e de trabalho, e se em algum momento tornaram vítimas de perseguições de ordem pessoal, social ou política, essas pessoas poderão sofrer uma grande perda no seu potencial criativo.

A grande maioria, nesses casos, desilude-se, aliena-se, e desiste definitivamente de um viver criativo. Estruturam um falso eu e passam a viver uma vida sem sonhos, buscando apenas corresponder às expectativas externas alheias às suas reais necessidades. Apenas uns poucos conservam ainda uma ligação com seu ser e, por isso mesmo, sofrem. São esses os que se rebelam na maioria das vezes, buscando conquistar um novo horizonte para suas vidas.

Pois, apesar de todas as adversidades que possam advir sobre o ser humano normal, o seu potencial criativo não é de todo destruído. No fundo do seu ser, continua a existir uma vida secreta satisfatória proporcionada por essa qualidade criativa que lhe é própria e que insiste em se manter viva. Ao mesmo tempo, uma insatisfação também lhes acompanha, pois, esse quantum de vida que existe oculto muito pouco se beneficia com as experiências que o viver poderia lhe proporcionar, possibilitando em seu lugar, apenas um viver superficial, limitado e submisso, Portanto doentio na visão de Winnicott, pois ele afirma que “[...] viver criativamente

constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida. (WINNICOTT, 1971, p . 9)

Em seus estudos, Winnicott (1971) pode observar que os indivíduos ao viverem a vida, fazem-na, ora criativamente, imbuídos de um sentimento de que a vida realmente merece ser vivida; ora de maneira não criativa, colocando em dúvida a toda hora o valor do viver, e dentro desse intervalo, coexiste toda uma graduação que vai de um viver intenso e prazeroso a um sentimento de absoluta inutilidade onde, viver ou morrer, pouca diferença faz. A variação desse sentimento na maneira de como viver a vida depende principalmente da qualidade e quantidade das provisões ambientais que estiveram presentes nas fases primitivas da experiência de vida de cada ser humano.

A criatividade para o autor se apresenta de forma diferenciada. Enquanto as diferentes ciências vêm pesquisando a criatividade e buscando identificar os fatores que impulsionam o poder criativo, partindo sempre da produção de grandes obras de artes físicas ou intelectuais que nos foram deixadas por grandes artistas ao longo da história da humanidade, o impulso criativo, neste contexto não está associado diretamente a esses grandes feitos. Está relacionado simplesmente à maneira como o indivíduo interage com a realidade externa em sintonia com suas necessidades e vontades. Refere-se tão somente ao estar vivo.

E como facilitar o processo criativo de um indivíduo quando esse foi prejudicado, quer nos primórdios, quer ao longo da jornada de sua vida?

Para Winnicott, *“é no brincar, e talvez somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é, somente sendo criativo, que o indivíduo descobre o eu (self)”* (WINNICOTT, 1971, p. 80).

Esse brincar deve se dar em um ambiente próprio que permita à criança entre os brinquedos no chão e ao adulto no divã, através de um discurso livre, transmitir uma sucessão de ideias, pensamentos, impulsos e sensações sem conexão aparente, que vão comunicar ao analista as conexões existentes através da manifestação da ansiedade, e outras defesas que buscam salvaguardar o aspecto temido. E foi através de suas descrições de casos que Winnicott veio conclamar a

todo terapeuta a permitir as manifestações da capacidade que o paciente tem de brincar, ou seja, de ser criativo no trabalho analítico.

Diante do exposto concluímos que a criatividade é o elemento que põe a vida em movimento, fazendo despertar a força agressiva que leva o ser humano a desbravar o mundo em busca do novo e a conquistar espaços cada vez maiores para si e para a vida, e recorre ao brincar como o caminho para conquistar esses espaços.

REFERÊNCIAS

- COSTA, J. F. (2004). Criatividade Transgressão e Ética. In: Transgressões Plastino. C. A (Org.). Rio de Janeiro, Garamond, 2004.
- Winnicott, D. W. (2000). Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945). In: *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1971). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975
- _____. (2005). O conceito de indivíduo saudável (1967) In: *Tudo começa em casa*. Tradução Paulo Sandler. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1983). A Integração do Ego no desenvolvimento da Criança.(1962) In: O ambiente e os processos de maturação.Porto Alegre, Artes Médicas
- _____. (1983). Da dependência à independência.(1963) In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre, Artes Médicas
- _____. (1989) Vivendo de Modo Criativo (1986) In: Tudo Começa em Casa. São Paulo, Martins Fonte.
- _____. (1983) Distorção do ego em termos de falso self e verdadeiro self.(1960) In: O Ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre, Artes Médicas.
- _____. *Natureza Humana* (1990). Tradução de Davi Litman Bogoletz. Rio de Janeiro: Imago